CIRANDAR TODOS

JOSÉ DAMASCENO

Cirandar todos [Do the Ciranda Everyone] is the title of one of the artworks featured in this exhibition; the centerpiece at Casa França-Brasil, it wound up entitling the show as a whole. It is likely, therefore, that this name is a sign of something larger than itself. The title is drawn from the popular children's song, that every Brazilian child knows:

"Ciranda, cirandinha, **vamos todos cirandar**, vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar." [Ciranda, cirandinha, **let's all do the ciranda**, we'll spin half around, we'll round and round.]

In light of the inversion of the order of the words – from "let's all do the ciranda" to "do the ciranda everyone," there is already the idea of a game to consider. The dance circle, which the song supposes, is represented in the work by 150 wooden manikins linked by magnets, forming a nine-meter-diameter circle, but the dance does not take place, the situation is static and the movement is only intuited by the spectator.

The paradox of this *static movement* has been one of the main questions in José Damasceno's work, since the artist always seeks a rhythmic, kinetic or progressive sensation on surfaces, events or frozen materials. In his work, the apparent and concrete things operate to drive an imaginary mobile, which is in constant movement, although it only "appears" mentally or conceptually. The work therefore involves a potential and oscillating mobility and freezing, since its nodal statement problematizes, in a paroxysm, the question of movement.

Another unusual hypothesis is the idea of counterposing the institution's monumentality and its imposing architecture to a small ciranda dance circle with all its lightness, subtlety and extremely reduced scale. It is important to note, however, that the work's subtlety does not in any way hinder the power of its imaginary thrust, nor the active resonance of its silence. The overriding principle of turning and transforming the real space into a sort of ciranda circle dance is what ultimately governs the overall set of works.

The exhibition in and of itself produces an event, another expanded and unexpected architectural becoming. Based on sculptural situations that arise throughout the Casa, and which surprisingly mobilize its physical appearance, the artist brings about the displacement and reinsertion of the spaces within an extraordinary dynamics. The space is treated as a field of unstable situations, where the poetic actions intervene discontinuously, transforming the linear profile of the places into an unsuspected occurrence. José Damasceno thus brings about another sort of imaginary place, where nonsense and the eccentric relations define the open field of language.

Ligia Canongia
CURATOR

visitação [visiting hours]
17 de dezembro de 2014
a 22 de fevereiro de 2015
terça a domingo, das 10h às 20h
[December 17, 2014 –
February 22, 2015 | Tuesday –
Sunday, 10 a.m. to 8 p.m.]

---

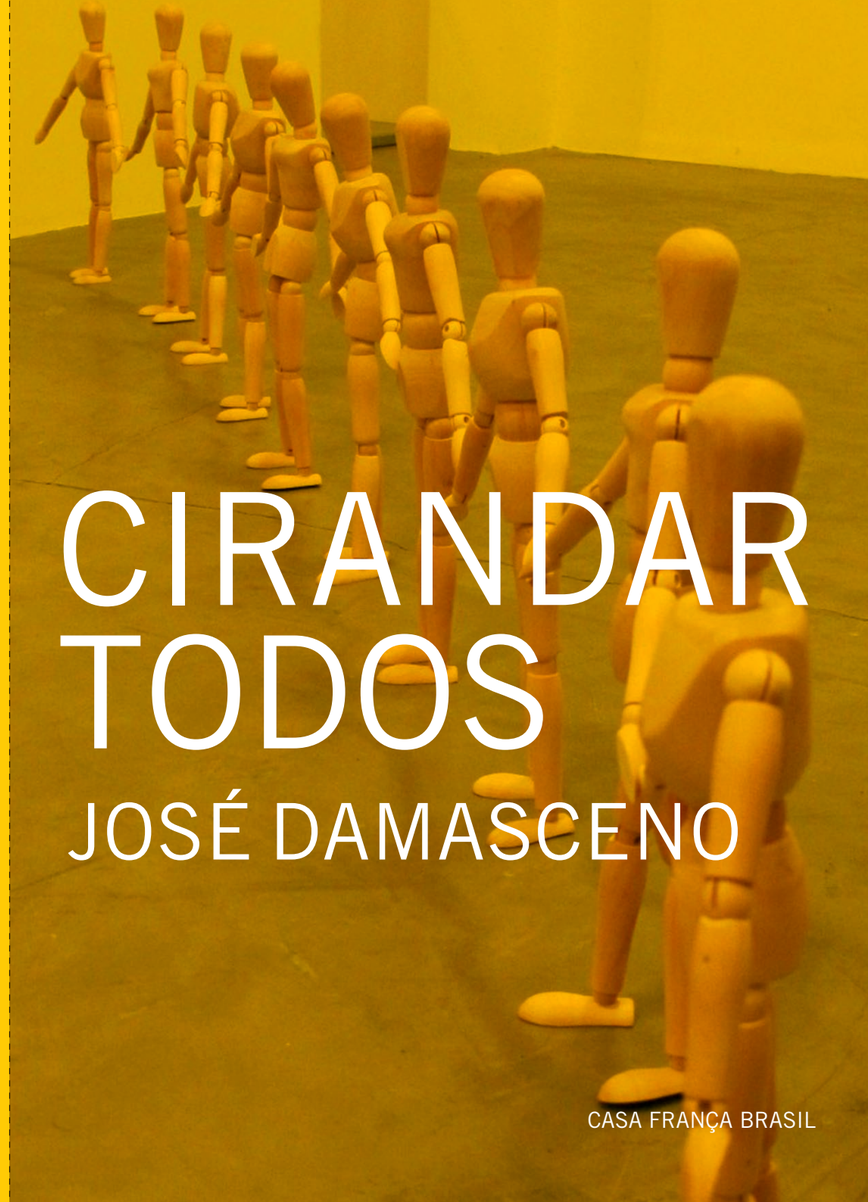
obras [works]
José Damasceno
[1] *Cirandar Todos*, 2014
detalhe
madeira e ímã
Ø 9 m
[2] *Monitor–Crayon*, 2011
bastões de cera
240 × 350 × 9 cm
Antonio Malta
[3, 4, 5]
Sem título [Untitled], 2014
óleo sobre tela [oil on canvas]
50 × 60 cm

Realização [*Initiative*]
Governo do Rio de Janeiro – Somando Forças
Secretaria de Cultura
Casa França-Brasil

Gestão CFB/EAV [*Management CFB/EAV*]
oca Lage

Produção [*Production*]
Automatica

Patrocínio [*Sponsorship*]
Governo do Rio de Janeiro – Somando Forças
Secretaria de Cultura
Lei Estadual de Incentivo à Cultura
Citroën



CIRANDAR TODOS
JOSÉ DAMASCENO

Cirandar todos é o título de uma das obras que José Damasceno apresenta na exposição, a peça central na Casa França-Brasil, e que acabou por intitular a mostra por inteiro. É provável, portanto, que essa nomeação seja índice de algo maior do que ela mesma. O título parte do cancioneiro popular infantil, que toda criança brasileira conhece:

"Ciranda, cirandinha, **vamos todos cirandar**, vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar."

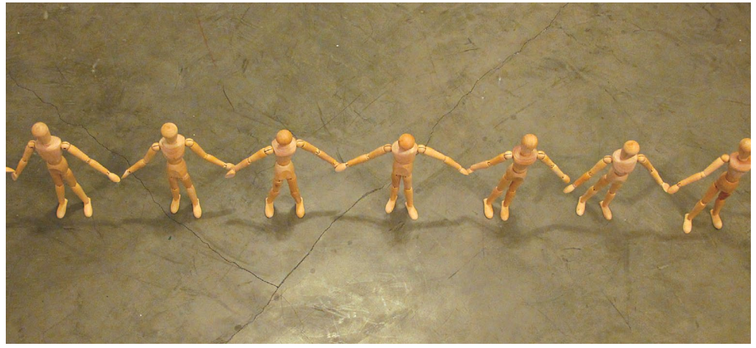
A partir da inversão da ordem das palavras – de "vamos todos cirandar" para "cirandar todos" –, já existe a ideia de um jogo a considerar. A roda de dança, que a canção supõe, está ali representada por 150 manequins de madeira ligados por ímãs, formando um círculo com diâmetro de 9 metros, mas a dança não acontece, a situação é estática e o movimento é apenas intuído pelo espectador.

Ora, o paradoxo desse *mover estático* tem sido uma das principais questões da obra de José Damasceno, uma vez o artista buscar sempre uma sensação rítmica, cinética ou progressiva em superfícies, acontecimentos ou matérias congeladas. Em seu trabalho, as coisas aparentes e concretas funcionam como propulsoras de um móbil imaginário, que estaria em constante deslocamento, mas que apenas mental ou conceitualmente "aparece". Existiria, então, na obra, uma mobilidade e um congelamento potenciais e oscilantes, pois que o enunciado nodal do trabalho problematiza, em paroxismo, a questão do movimento.

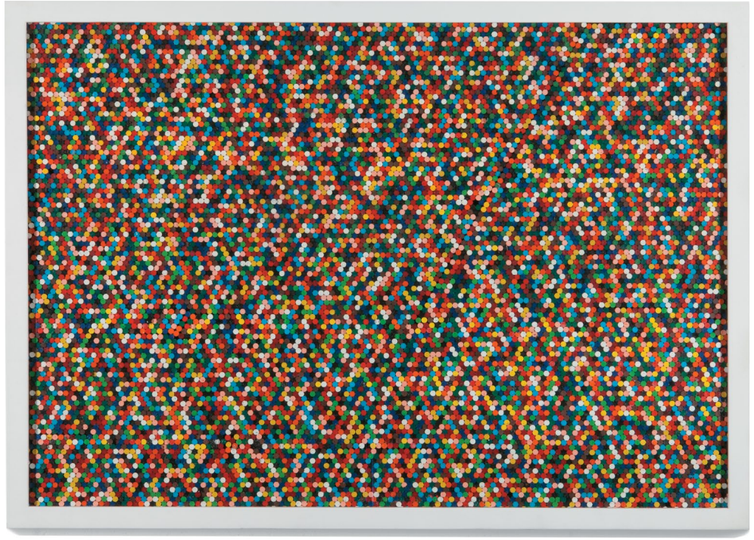
Outra hipótese inusitada seria a ideia de contrapor à monumentalidade da instituição e sua imponente arquitetura uma pequena roda de ciranda, leve, sutil e de escala extremamente reduzida. Importante relevar, contudo, que a sutileza do trabalho não compromete de forma alguma a potência de sua pulsão imaginária nem a ressonância ativa de seu silêncio. O princípio geral de fazer girar, cirandar e transformar o espaço real governa, afinal, o conjunto de todos os trabalhos.

A exposição por si mesma produz um evento, outro devir arquitetônico, expandido e inesperado. A partir de situações escultóricas que surgem ao longo da Casa, e que mobilizam de forma surpreendente sua própria feição física, o artista provoca o deslocamento e a reinserção dos espaços em uma dinâmica extraordinária. O espaço é tratado como um campo de situações instáveis, onde as ações poéticas intervêm de forma descontínua, transformando o perfil linear dos lugares numa ocorrência insuspeitada. Assim, José Damasceno promove outra espécie de lugar, imaginário, onde o *nonsense* e as relações excêntricas definem o campo aberto da linguagem.

Ligia Canongia
CURADORA



1



2

PROJETO COFRE
CABINE DE PINTURAS
ANTONIO MALTA

Este trio de pinturas de Antonio Malta tem uma velocidade própria às formas breves. Desde a produção, com feitura rápida, pouco ou nenhum planejamento prévio, pinceladas hábeis e, ainda assim, toscas, imprudentes; até os resultados, na convocação a um primeiro contato súbito, direto, sem mediação nem cerimônia. Uma precipitação que se confirma nos gestos resolutos, nas formalizações abertas e aparentemente inconclusas; na adoção de saídas que não aspiram a uma coerência ou homogeneidade (embora, sim, haja certo esquematismo que se repete nesses e em outros trabalhos do artista); na qualidade gráfica do preto e branco e nas soluções que incorporam muito das histórias em quadrinhos. São imagens dinâmicas e agitadas, afinal, com coisas que caem, boiam e giram no espaço, se amontoam e se dispersam, atravessam o caminho umas das outras, no curso de movimentações, pelo visto, incessantes.

José Augusto Ribeiro

PROJECT SAFE
CHAMBER OF PAINTINGS
ANTONIO MALTA

This trio of paintings by Antonio Malta has a velocity proper to brief forms. This is seen in everything from their execution – quickly done, with little or no previous planning, by skillful yet brash and crude brushstrokes – to the results, which invite the observer to a sudden direct contact, without mediation or ceremony. This rashness is confirmed in the resolute gestures, in the open and apparently inconclusive formalizations, in the adoption of solutions that do not aspire to any coherence or homogeneity (although there is a certain scheme that is repeated in these and other works by the artist), in the graphic quality of the black and white, and in the solutions informed by the art of comic books. They are dynamic and easy images, after all, with things that fall, float and spin in the space, accumulate and disperse, cross each other's path, in the course of their apparently unceasing movements.

José Augusto Ribeiro

3

4

5